

ACHEGAS  
PARA A HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL  
DA ILHA DE SÃO MIGUEL  
NO ANO DE 1813

por  
ARTUR TEODORO DE MATOS

1. A ilha de São Miguel, talvez como resultado da sua maior superfície e população é, em todo o arquipélago, a que dispõe de maior número de elementos estatístico-demográficos respeitantes à primeira metade do século XIX. Com efeito, para além dos censos do século XVIII (1747 e 1796), aliás extensivos a todas as ilhas dos Açores, e do de 1800, são conhecidos os de 1806, 1812, 1813, 1814, 1820, 1825, 1839 e 1840<sup>1</sup>. Por outro lado e no domínio da história económica, a mesma ilha conserva grande e rico acervo documental que lhe permite reconstituir alguns aspectos importantes desse sector, como por exemplo o comércio. A José Torres e Ernesto do Canto se devem, em

---

<sup>1</sup> Sobre os censos referidos veja-se: Joel Serrão, *Fontes de demografia portuguesa 1800-1862*, Livros Horizonte, 1973; Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada, *Variedades Açoreanas*, vol. 4463; Idem, *Fundo Ernesto do Canto*, Ms. 60; *Revista Michaelense*, Ano IV, n.º 3, Set. de 1821, pp. 1260-1267 e Instituto Geográfico e Cadastral, *Mappa Estatístico da Ilha de S. Miguel do anno de 1814*.

grande parte, a conservação e recolha dessas fontes. O primeiro reúne, numa centena de volumes que denominou *Variedades Açoreanas*, milhares de originais, cópias e folhetos, respeitantes à história dos Açores. Ernesto do Canto teve mérito não só de organizar e divulgar um núcleo documental de grande riqueza como ainda impedir que os «papéis velhos» de sectores públicos tivessem o destino de tantos outros: o lixo. Tal aconteceu por exemplo com as várias centenas de livros das Alfândegas de São Miguel e Santa Maria<sup>2</sup>.

Os elementos que agora apresentamos foram em grande parte recolhidos pelo então capitão do Real Corpo de Engenheiros, Francisco Borges da Silva, chegado a São Miguel em 2 de Junho de 1811, na companhia do novo governador militar da ilha, José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque (1811-1815)<sup>3</sup>. Servimo-nos também de alguns mapas estatísticos reunidos por Ernesto do Canto no códice que ele próprio intitulou de *Estatística*, dos livros de entrada da Alfândega de Ponta Delgada respeitantes ao ano em causa e de documentação existente no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)<sup>4</sup>.

2. Em 1813 a população da ilha de São Miguel era de 62 401 habitantes e, apesar do surto emigratório que

---

<sup>2</sup> Sobre estas e outras fontes existentes nos arquivos dos Açores veja-se, *Roteiro dos Arquivos Açoreanos*, vol. I, Ponta Delgada, Instituto Universitário dos Açores, 1976 (no prelo).

<sup>3</sup> Arquivo da Câmara Municipal de Ponta Delgada, L.º 7, fol. 271 v e *Arquivo dos Açores*, vol. XI, Ponta Delgada, 1890, p. 424. Sobre a obra de Francisco Borges da Silva veja-se: Ernesto do Canto, *Biblioteca Açoriana*, vol. I, Ponta Delgada, 1890, p. 116 e Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português*, t. IX, Lisboa, 1870, p. 271.

<sup>4</sup> B.P.A.D.P.D., *Fundo Ernesto do Canto*, cód. 60; Id., *Ibid.*, Livros das Alfândegas e Arquivo Histórico Ultramarino, *Documentos avulsos dos Açores*, 1812-1814.

então se verificava para o Brasil, apresenta uma ligeira subida como se verifica pelo seguinte gráfico:

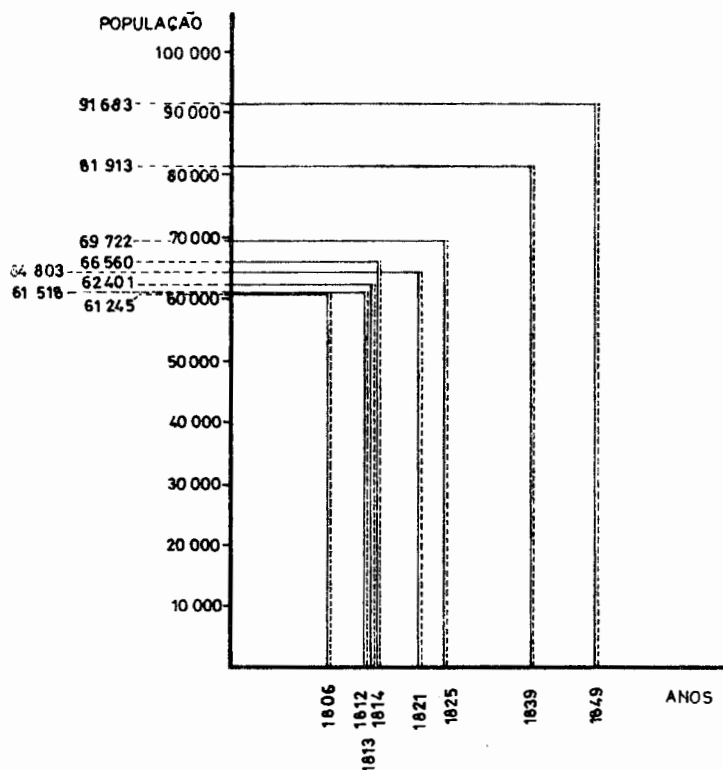


Fig. I — A população da ilha de S. Miguel nos anos 1806 a 1849.

Uma análise da pirâmide das idades permite-nos concluir que estamos em presença de uma população «em ascensão» e «jovem», apesar de terem emigrado nos últimos 12 anos 5 965 pessoas<sup>5</sup>. Tal facto fica a dever-se às elevadas taxas de nupcialidade (16,3 p/mil) e natalidade (34,6 p/mil). Registe-se também que a taxa de mortalidade apenas

<sup>5</sup> *Variedades Açoreanas*, vol. 4463, fols. 11-13.

atinge 19 p/ mil, ressalvando-se que 4,4 p/mil respeita a crianças mortas entre os 0 e 5 anos<sup>6</sup>.

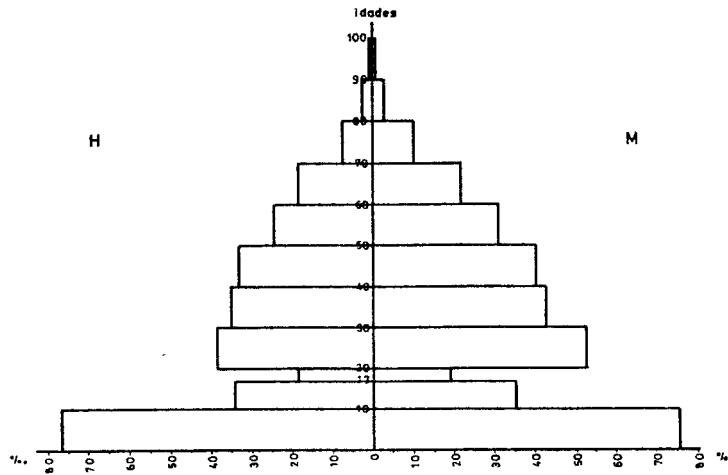


Fig. II — A população micaelense em 1813.

Francisco Borges da Silva, ao referir as causas que impediam um aumento populacional, aponta as seguintes:

*Causas principais:*

- 1.<sup>a</sup> causa: O grande número de grandes proprietários; o pequeno número de pequenos proprietários; o grande número de não proprietários ...
- 2.<sup>a</sup> causa: Existência de morgados ...
- 3.<sup>a</sup> causa: O grande número de terras amortizadas em corpos de mão-morta.

---

<sup>6</sup> Veja-se os quadros I e II.

*Causas secundárias:*

1.<sup>o</sup> *causa:* Emigração anual para Portugal e Brasil, consequências das causas principais.

2.<sup>o</sup> *causa:* Revoluções vulcânicas e temporais. Sendo a consequência destas duas causas a decadência da agricultura nos anos posteriores e consequentemente o aumento do preço dos gêneros; por isso nessas épocas calamitosas, os grandes proprietários enriquecem e os não proprietários morrem de fome ...<sup>7</sup>

Em face da situação exposta, Borges da Silva conclui defendendo a emigração para o Brasil, porque:

... a população das ilhas dos Açores é uma sociedade absolutamente agrícola; a mãe pátria nega-lhes os laços que unem os filhos à pátria; nega-lhes a propriedade; o Brasil franqueia-lhe com prodigalidade. A população da ilha de Santa Catarina, parte da do Rio Grande do Sul e das outras capitânicas do Brasil são compostos por açorianos, logo o Brasil deve aproveitar-se e promover a emigração açoriana, auxiliando o aumento da sua população e nos anos de esterilidade, velar assiduamente uma emigração<sup>8</sup>.

Se bem que as razões invocadas e a solução proposta possam ser válidas para a ilha de São Miguel, poderiam também sê-lo para outras regiões de Portugal, nomeadamente para o Alentejo onde a distribuição da propriedade não seria muito diferente, embora a densidade da popula-

---

<sup>7</sup> *Variedades Açoreanas*, vol. 4463, fols. 14 v-16.

<sup>8</sup> *Ib.*, fol. 16.

ção fosse menor. Com efeito uma economia agrária, com um regime de propriedade injusto e uma exploração da terra deficiente, não podiam trazer a prosperidade a uma população densa.

São precisamente para as terras do Brasil e nomeadamente para São Paulo, Rio Grande de São Pedro do Sul e Minas Gerais que a população micaelense emigra neste começo do século XIX. Em finais de 1812, por exemplo, saíram de São Miguel 47 casais, num total de 216 habitantes, das seguintes localidades<sup>9</sup>:

	N.º de casais	População
Ponta Delgada . . . . .	7	31
Ramalho . . . . .	2	14
Fajã[s] . . . . .	3	16
Rosto do Cão (S. Roque) . .	9	37
Relva . . . . .	8	36
Arrifes . . . . .	3	14
Ginetes . . . . .	1	2
Feteiras . . . . .	7	29
Candelaria . . . . .	2	10
Calhetas . . . . .	1	6
Ribeira Grande . . . . .	2	12
Lagoa . . . . .	1	5
Fenais da Luz . . . . .	1	4
<i>Total</i> . . . . .	47	216

As escrituras de contrato celebradas entre o capitão-general e o transportador (no presente caso era Nicolau Maria Raposo e António João de Vasconcelos, proprietários do bergantim *Mãe dos Homens*), esclarecem das condições em que era feita a viagem, número máximo de passageiros

<sup>9</sup> Arquivo Histórico Ultramarino, *Documentos avulsos dos Açores*, 1812, «Mappa dos Casaes que nesta ilha de S. Miguel, e por este juizo da Correição voluntariamente si allestarão para o Rio de Janeiro».

a transportar, preço de transporte, etc.<sup>10</sup>. Em 15 de Março de 1813 a Intendência Geral da Polícia no Rio de Janeiro estabelecia com o transportador novas condições para a fixação de casais açoreanos no Brasil. A permissão do transportador fazer uma única viagem por ano com um máximo de 100 pessoas, a exigência de se tratar sempre de gente «honrada e de lavoura» que não «seja demaziadamente carregada de filhos», a diminuição do preço de transporte pago por aquela Intendência de 70 para 50\$000 dos emigrantes com idade superior a 12 anos e de 60 para 30\$000 de idade inferior (exceptuando as crianças de peito) mostram uma intenção de travar a emigração dos Açores para o Brasil<sup>11</sup>. Por que razão? Em que medida ela se concretizou? Só uma investigação mais vasta poderá comprovar esta hipótese.

3. Os povoados da ilha de S. Miguel estendiam-se ao longo da costa, apenas com duas penetrações no interior: *Sete Cidades* e *Furnas*, localidades de reduzida densidade populacional. Os seus habitantes viviam essencialmente da agricultura como se pode concluir pelas exportações e tipos de ocupações da população<sup>12</sup>. Com efeito, o número de

---

<sup>10</sup> O contratado era obrigado a aprontar o bergantim «com todos os comodios necessarios, com arranjo de belixes, repartições, e tudo o mais, de modo que os mesmos casaes não padeção vexames algum ..., separando mulheres de homens, e seguindo neste particular o *Regimento dos transportes destas Ilhas e Madeira para o Brasil* de 5 de Agosto de 1747 ...»; fazer embarcar apenas 100 pessoas por cada viagem (não contando as crianças de peito); dar a todas elas água e comida para o seu sustento «sendo os mantimentos bons e sem corrupção algũa, de modo que se não queixem de mau tratamento». Cf. A.H.U., *Documentos avulsos dos Açores*, «Escritura do contrato ...», de 7 de Agosto de 1812.

<sup>11</sup> A.H.U., *Documentos avulsos dos Açores*, «*Novas condições ...*», de 15 de Março de 1813.

<sup>12</sup> Veja-se o quadro III.

lavradores e jornaleiros (que na sua maioria trabalhariam na agricultura) atingem a elevada percentagem de 16,1 %. De notar também a diferença representativa e significativa entre os salários máximos e mínimos dos ofícios e mesteres, bem assim o reduzido número de alguns e a considerável quantidade de outros. De considerar ainda o contraste entre um diminuto «corpo civil»: administração civil e judicial (0,2 %) e um excessivo «corpo eclesiástico» (1,35 %, principalmente no referente ao clero regular.

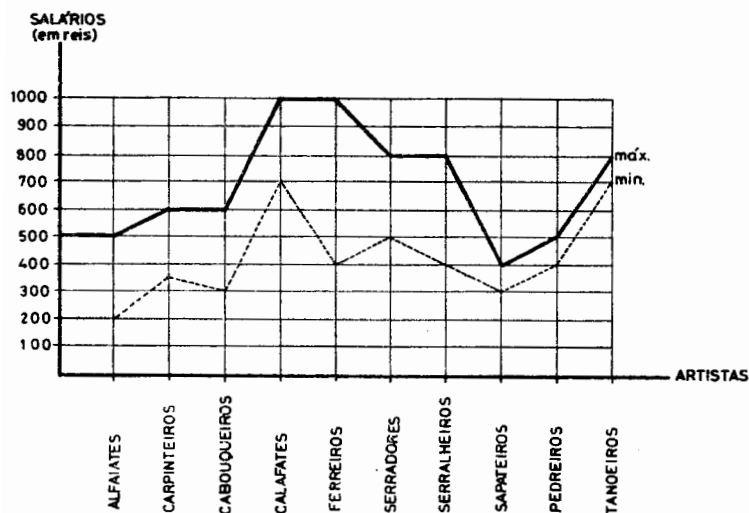


Fig. III — Salários máximos e mínimos dos ofícios e mesteres em 1813.

4. Ocupando a ilha de São Miguel uma superfície de 746 quilómetros quadrados apenas cerca de 50 % era aproveitada para as culturas do milho, trigo, fava, feijão, cevada, legumes, batata, tremço, citrinos e vinha.

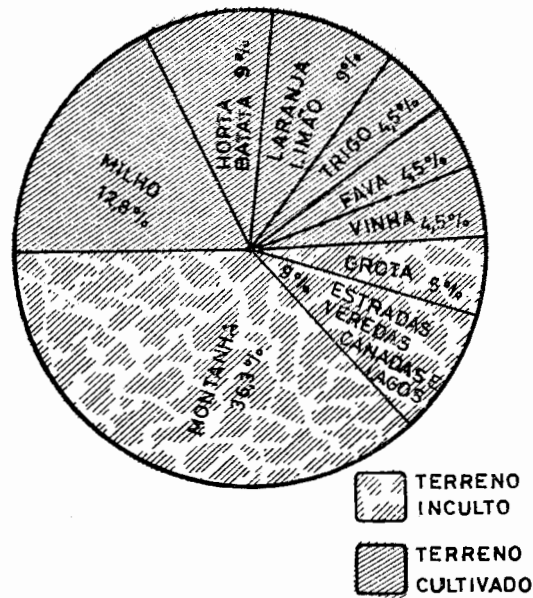


Fig. IV — Distribuição das culturas na ilha de S. Miguel em 1813.

Ainda em 1840, o capitão Caetano Alberto da Maia nas considerações que precedem o seu *Mapa Estatístico*, referia igual aproveitamento do território adiantando que:

... em algumas partes a superfície superior é coberta de cascalho vulcânico, em que se não divisa o mais leve indício de vegetação; porém muitos lugares há em que cresce mato rasteiro, o qual sendo convenientemente roçado descobriria campos que podiam ser de muita utilidade reduzindo-os à cultura, ou cobrindo-os de arvoredo.

E adiante prossegue:

Apesar de estar inculta uma grande parte da superfície da ilha, e dos inconvenientes que sofre a agricultura,

o seu clima é tão húmido e tão temperado e o terreno tão fértil, que as colheitas são sempre avultadas, a ponto que chegam para o consumo dos habitantes e há um bom excesso considerável que se exporta <sup>13</sup>.

A principal cultura era a do milho que ocupava 18 % da superfície da ilha ou seja 34 % da parte cultivada. Era largamente utilizado na alimentação (cada adulto consumiria em média 20 alqueires por ano) sob a forma de pão e de bolo, juntamente com as couves, o leite, inhames, batatas, peixe fresco e salgado, carne de porco e toucinho, pois que o consumo da carne de vaca quase se circunscrevia à cidade e às vilas. Constituía também alimento importante do gado asinino e equino. A laranja, trigo, fava, cevada, tremoço e batata, eram outras das principais culturas da ilha de São Miguel neste começo do século XIX.

Constituía actividade considerável a criação de gado bovino, suíno, caprino, ovino, asinino e equino. Se bem que não tenhamos números respeitantes aos bovinos, sabemos que o seu número era grande, desempenhando papel importante no trabalho agrícola e, em certa medida no mercado local <sup>14</sup>. Os suínos, cujo número, segundo Borges da Silva, se aproximava dos 50 000, representavam uma actividade económica de certo interesse, pois que, para além do grande consumo interno da sua carne e derivados — «man-teiga» (banha), toucinho e linguiça —, eram tais produtos largamente exportados para os mercados do arquipélago, continente português e estrangeiro <sup>15</sup>. Havia também grande criação de gado caprino e ovino (c. de 18 800 cabeças), de asinino (c. de 7 000) e de equino (c. de 1 065). De notar o elevado número de asininos, o que leva a concluir da sua grande utilização como meio de transporte, não só de carga como de passageiros.

---

<sup>13</sup> Arquivo Histórico Militar, 3.<sup>a</sup> Divisão, 1.<sup>a</sup> Secção, caixa 6, doc. 25.

<sup>14</sup> *Variedades Açoreanas*, vol. 4463, fols. 113 v-114.

<sup>15</sup> B.P.A.D.P.D., *Fundo Ernesto do Canto*, Ms. 60, fol. 25.

John White Webster, que residiu em Ponta Delgada em 1817-1818, referindo-se aos bons serviços destes animais afirma:

Quase todas as famílias em S. Miguel possuem um ou mais burros que são as principais bestas de carga em uso comum ... todo o serviço que noutros países é feito por cavalos, é feito aqui por burros. Eles raras vezes tropeçam, mesmo em atalhos os mais perigosos e escabrosos; e, ainda que vagarosos no andar, contudo fazem longas jornadas, carregando fardos bem pesados, aparentemente com pouca fadiga, e alimentando-se ao mesmo tempo da comida a mais grosseira. Além disto, as burras dão bastante leite, que é vendido aos doentes por alto preço.

Faz-se em burro com grande comodidade uma viagem de muitas milhas <sup>16</sup>.

A costa era abundante em peixe que, devido ao seu baixo custo, se tornava muito procurado pela população, bem assim pelas embarcações que tocavam o porto de Ponta Delgada. Os barcos de pesca, cujo custo oscilava entre 100 e 200 mil reis, tinham uma tripulação de 8 homens em média, podendo ganhar nos dias de verão um salário de 200 a 600 reis, enquanto que na Quaresma «nos dias mais felizes», poderia atingir os 2 000 reis <sup>17</sup>.

5. Não nos é possível avaliar com precisão a totalidade das exportações no ano em causa, uma vez que não existem os respectivos livros de saída da Alfândega de Ponta Delgada. Embora correndo o risco de cometermos

---

<sup>16</sup> *A ilha de S. Miguel em 1821*, trad. port. por César Rodrigues, da obra de John White Webster, *A description of the Island of St. Michael, comprising an account of its geological structure*, Boston, 1821, publicado in *Arquivo dos Açores*, vol. XIII, Ponta Delgada, 1920, p. 49.

<sup>17</sup> Cf. *Varietades Açoreanas*, vol. 4463, fols. 116-117.

algum erro, tentámos a reconstituição que a seguir se indica <sup>18</sup>:

Produto	Quantidade	Valor em reis	%
Milho . . . . .	5573,46 moios	200.644\$560	41,29
Fava . . . . .	1926,10 »	69.339\$600	14,27
Feijão . . . . .	1256,47 »	90.465\$840	18,61
Trigo . . . . .	248,24 »	14.894\$040	3,06
Cevada . . . . .	74,36 »	2.676\$960	0,55
Toucinho . . . . .	378 arrobas	1.890\$000	0,38
Carne <sup>19</sup> . . . . .	170 barris	2.176\$000	0,44
Batata . . . . .	96 moios	576\$000	0,11
Laranja e Limão	51611 caixas <sup>20</sup>	103.222\$000	21,24
<i>Total</i> . . . . .		485.885\$360	

Da leitura do quadro se conclui que o milho, a laranja, o feijão e a fava constituíam os produtos mais representativos da actividade comercial da ilha. Enquanto que o milho era na quase totalidade exportado para Lisboa (cerca de 2/3), a laranja era escoada para Inglaterra. Para a capital seguia também a fava, feijão, trigo e cevada, bem como batata, toucinho, carne de porco e «manteiga», linhas e

<sup>18</sup> O presente quadro foi elaborado com base nos dados recolhidos no «Mappa da exportação dos produtos da ilha de S. Miguel para os portos de Portugal, Brasil, Ilha da Madeira, e Paizes Estrangeiros nos anos de 1808 a 1819 inclusive», in B.P.A.D.P.D., *Fundo Ernesto do Canto*, Ms. 60, fol. 25 e nos preços médios dos produtos de exportação indicados por Francisco Borges da Silva na fonte já citada (Quadro IV).

<sup>19</sup> Julgamos tratar-se de carne de vaca, por ser de exportação mais frequente.

<sup>20</sup> Cada caixa continha 700 a 800 laranjas que eram envolvidas em folhas de milho. Cf. Sá da Bandeira, *Diário da Guerra Civil (1826-1832)* recolha, notas e prefácio de José Tengarrinha, vol. II, Lisboa, Seara Nova, 1976, p. 72.

pano. A Madeira constituía um mercado consumidor de milho (cerca de  $\frac{1}{3}$ ) e peixe salgado. Para o Brasil eram enviadas cebolas, alhos, colchas de linho e algodão, toalhas, guardanapos, pedras de moinho e principalmente pano de linho. As demais ilhas do arquipélago também constituíam um mercado comprador de linho, óleo de linhaça, de baga de louro e principalmente de peixe seco <sup>21</sup>.

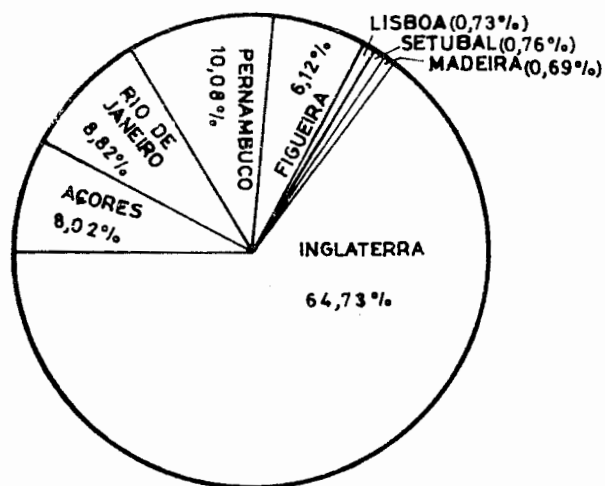


Fig. V — Portos de origem das importações em 1813.

As importações que atingem valores inferiores às exportações são particularmente relevantes. Julgamos desnecessário repetir o que incluímos no quadro, em apêndice, permitindo-nos apenas evidenciar a elevada percentagem (65 %) de produtos — em grande parte manufacturados — importados da Inglaterra, facto perfeitamente justificado, dado que era, e continuará a ser durante vários anos o prin-

<sup>21</sup> B.P.A.D.P.D., *Fundo Ernesto do Canto*, Ms. 60, fol. 25 e *Variedades Açoreanas*, vol. 4463, fols. 113 v.-114.

principal consumidor de laranja micalense. Também as importações do Brasil (19 %) são significativas, principalmente se comparadas com as de Portugal continental que não ultrapassam os 8 % <sup>22</sup>.

6. Seria importante comparar os dados aqui apontados com outros, de anos anteriores e posteriores, a fim de se traçar uma evolução económica e social da ilha em período mais lato.

Contudo, tal propósito levar-nos-ia a investigação mais prolongada que, razões de vária ordem não tornavam possível. Cremos todavia que apesar do âmbito necessariamente restrito dos assuntos aqui enunciados, serão de alguma utilidade para quem pretenda melhor compreender a ilha de São Miguel, neste final do 1.º quartel do século XIX.

*Fajã do Ouvidor, Agosto de 1978.*

---

<sup>22</sup> Veja-se o quadro V.

QUADRO I

População da ilha de São Miguel em 1813<sup>1</sup>

Idades	Branços								Mulatos e Pretos		Soma total
	Homens				Mulheres				Homens	Mulheres	
	Solteiros	Casados	Viúvos	Solteiras	Casadas	Viúvas					
De 0 a 10 anos . . . . .	7 692	—	—	7 656	—	—	9	14	15 371		
» 10 a 17 « . . . . .	3 241	111	—	3 296	248	—	50	5	6 951		
» 17 a 20 » . . . . .	1 703	169	2	1 667	168	60	15	20	3 804		
» 20 a 30 » . . . . .	2 000	1 755	14	3 023	2 215	74	50	45	9 176		
» 30 a 40 » . . . . .	766	2 603	65	1 362	2 742	193	37	21	7 789		
» 40 a 50 » . . . . .	507	2 646	163	1 134	2 463	451	24	27	7 415		
» 50 a 60 » . . . . .	381	1 784	216	872	1 687	607	22	17	5 586		
» 60 a 70 » . . . . .	334	1 180	172	628	849	764	6	16	4 089		
» 70 a 80 » . . . . .	110	419	172	230	292	488	3	4	1 718		
» 80 a 90 » . . . . .	37	86	65	49	122	126	1	3	489		
» 90 a 100 » . . . . .	—	2	3	4	2	8	—	—	19		
Soma das parcelas <sup>2</sup>	16 771 (26,8 %)	10 755 (17,2 %)	1 012 (1,62 %)	19 921 (31,9 %)	10 788 (17,2 %)	2 771 (4,44 %)	217 (0,34 %)	172 (0,27 %)	62 401		
Soma das classes .	28 538 (45,7 %)						389 (0,62 %)		62 401		

<sup>1</sup> Cf. B.P.A.D.P.D., *Variedades Açoreanas*, vol. 4463, fol. 20.

<sup>2</sup> Acertaram-se os totais.

QUADRO II  
*Nascimentos, Casamentos e Mortes na ilha de São Miguel em 1813<sup>1</sup>*

Idades	Casamentos						Nascimentos						Mortes			
	Branços			Pretos			Homens		Mulheres		Mulatos	Pretos	Branços		Mulatos	Pretos
	Homens	Mulheres		Mulatos	Pretos		Vivos	Mortos	Gêmeos	Vivos	Mortos	Gêmeos	Mulatos	Homens	Mulheres	
De 0 a 5 anos . . .	—	—	—	—	—	—	1 021	35	20	1 104	33	13	—	289	241	—
» 5 a 10 » . . .	67	129	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	16	10	—	
» 10 a 20 » . . .	299	271	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	19	27	—	
» 20 a 30 » . . .	88	75	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	32	32	—	
» 30 a 40 » . . .	34	26	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	19	22	—	
» 40 a 50 » . . .	14	8	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	25	33	—	
» 50 a 60 » . . .	6	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	28	61	—	
» 60 a 70 » . . .	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	57	80	—	
» 70 a 80 » . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	49	73	—	
» 80 a 90 » . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	26	41	—	
» 90 a 100 » . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	3	—	
Soma das parcelas . . .	509	510	—	—	1	—	1 021	35	20	1 104	33	13	—	563	623	—
Soma total . . . . .	1 019			1			1 076		1 150		1		1 186		—	

<sup>1</sup> Cf. B.P.A.D.P.D., *Varietades Açoreanas*, vol. 4463, fol. 22.

QUADRO III

*Administração civil e eclesiástica, ofícios e mesteres*<sup>1</sup>

<i>Classe social</i>	<i>N.º</i>	<i>%</i>	<i>Profissão</i>	<i>N.º</i>
Corpo eclesiástico . . . . .	841	1,35	Frades . . . . .	196
			Freiras . . . . .	195
			Recolhidas . . . . .	224
			Clero secular . . . . .	226
Corpo civil . . . . .	130	0,2	Magistrados . . . . .	10
			Letrados . . . . .	10
			Oficiais da Justiça . . . . .	63
			Oficiais da Fazenda . . . . .	15
			Médicos . . . . .	4
			Cirurgiões . . . . .	15
			Professores régios . . . . .	6
			Boticários . . . . .	7
Negociantes, Morgados e pessoas que vivem de rendas	325	0,5	Negociantes . . . . .	95
			Proprietários . . . . .	230
Lavradores . . . . .	1 341	2,1	—	—
Artistas . . . . .	1 626	2,6	Calafates . . . . .	9
			Carpinteiros . . . . .	293
			Cabouqueiros . . . . .	48
			Cesteiros . . . . .	19
			Alfaiates . . . . .	311
			Ferreiros . . . . .	45
			Ferradores . . . . .	12
			Oleiros . . . . .	29
			Serradores . . . . .	76
			Serralheiros . . . . .	29
			Sapateiros . . . . .	428
			Pedreiros . . . . .	274
			Torneiros . . . . .	5
			Tanoeiros . . . . .	5
Tecelões . . . . .	43			
Homens de mar e práticos da costa . . . . .	953	1,5	Pescadores . . . . .	686
			Práticos da costa . . . . .	267
Trabalhadores . . . . .	8 763	14	Jornaleiros . . . . .	8763
Vadios e Mendigos . . . . .	218	0,3	—	—

<sup>1</sup> Mantivemos as classificações indicadas por F. Borges da Silva e naturalmente utilizadas em 1813.



QUADRO V

Importações da ilha de São Miguel em 1813

Portos donde vieram	Aço	Açúcar	Aguardente	Arroz	Azeite de oliveira	Azeite de peixe	Bacalhau	Barro de Santa Maria	Boana	Café	Chapéus	Couros	Ferro	Linho	Loiça de pó de pedra	Loiça de Santa Maria	Madeira de cedro	Meias de seda	Panos de algodão	Panos de lã	Pedra de cal	Peixe	Pregos	Queijo	Sal	Sola	Tabuado da Figueira	Tecidos de seda	Telha	Vidros	Vinhos	Valor em dinheiro		
	Quintais	Caixas	Pipas	Quintais	Pipas	Pipas	Quintais	Carros	Dúzias	Quintais	Dúzias	Dúzias	Quintais	Quintais	Canastras	Lastros	Paus	Dúzias	Peças	Peças	Fragatas	Barris	Barris	Canastras	Moios	Moios	Dúzias	Peças	Lastros	Caixas	Pipas			
Lisboa . . . . .	—	—	3	—	4	—	—	—	12 999	—	—	—	27	—	—	—	—	—	—	—	18	—	—	—	128	—	—	—	—	—	—	3 210\$800		
Figueira . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	30	4	—	—	400	—	1 841	—	—	—	—	26 634\$400		
Setúbal . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	207	—	—	—	—	—	—	—	3 312\$000		
Madeira . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3 040\$000		
Pernambuco . . . . .	—	52	196	24	—	—	—	—	—	24	—	164 ½	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4 141	—	—	—	—	—	—	43 882\$000		
Rio de Janeiro . . . . .	—	27	128	36	—	120	—	—	—	37	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	76	—	—	—	—	—	38 399\$800		
Ilhas dos Açores . . . . .	—	—	110	20	—	—	640	200	—	—	—	—	—	—	—	5	13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	34 534\$000	
Inglaterra . . . . .	6	—	—	—	9	15	—	—	—	—	417	4	426	220	129	—	—	68	6 608	4 206	—	—	148	2	55	—	—	—	—	—	—	—	—	281 668\$080
<b>Soma . . . . .</b>	<b>6</b>	<b>79</b>	<b>437</b>	<b>80</b>	<b>13</b>	<b>135</b>	<b>640</b>	<b>200</b>	<b>12 999</b>	<b>61</b>	<b>417</b>	<b>168 ½</b>	<b>453</b>	<b>220</b>	<b>129</b>	<b>5</b>	<b>13</b>	<b>68</b>	<b>6 608</b>	<b>4 206</b>	<b>48</b>	<b>4</b>	<b>148</b>	<b>2</b>	<b>790</b>	<b>4 217</b>	<b>1 841</b>	<b>37</b>	<b>4</b>	<b>25</b>	<b>686</b>	<b>435 081\$080</b>		